

A HOMOFOBIA E O SUICÍDIO NA OBRA A CONFISSÃO DE LÚCIO E EM NOSSA SOCIEDADE

LA HOMOFOBIA E EL SUICÍDIO EM LA OBRA A CONFISSÃO DE LÚCIO Y EN NUESTRA SOCIEDAD

Randerson Silva Rabelo

UFT

Lyanna Costa Carvalho

UFT

Viviane Cristina Oliveira

UFT

Resumo: Esta pesquisa possui aspecto bibliográfico e qualitativo, e propõe uma análise da homofobia, da homossexualidade e do suicídio na obra *A Confissão de Lúcio* (de Mário de Sá-Carneiro) e em nossa sociedade, fundamentando-se nas teorias sobre o dispositivo de sexualidade de Michel Foucault e o suicídio por anomia, de Émile Durkheim. O foco do estudo está na maneira como a homofobia é, metaforicamente, tratada na obra e como a sociedade patriarcal manipula os papéis de gênero para manter o poder. A pesquisa visa explorar como a violência contra homossexuais é uma forma de repressão dos que não se enquadram na heteronormatividade, os marginalizando e conseqüentemente provocando devastador sofrimento psicológico, que pode acarretar o suicídio. Para ir além, investigamos o caráter autobiográfico da obra e sua relação com a angústia do autor, percebendo a literatura como uma tentativa de catarse para Sá-Carneiro, que tinha consciência da discriminação que sofreria ao viver livremente sua sexualidade, que não se enquadrava nas normas heterossexistas. Ao longo dos estudos, pudemos constatar que os processos que suscitam a homofobia e acarretam o suicídio emergem de como os poderes instituídos condenam a homossexualidade, utilizando de várias justificativas institucionais, sociais, e patológicas, para apontá-la como anormalidade.

Palavras-chaves: Homossexualidade; Homofobia; Sociedade; Suicídio; Normas.

Résumen: Esta investigación tiene un aspecto bibliográfico y cualitativo, y analiza la homofobia, la homosexualidad y el suicidio en la obra *A confissão de Lúcio* (de Mário de Sá-Carneiro) y en nuestra sociedad. Fundamenta-se en las teorías sobre el dispositivo de sexualidad de Michel Foucault y el suicidio por la anomia, de Émile Durkheim. El proyecto pretende expresar como la violencia contra los homosexuales es una forma de represión contra aquellos que no se encajan en la heteronormatividad. Para ir más allá, investigamos el personaje autobiográfico de la obra y su reacción con la angustia del autor, y percibimos la literatura como un intento de catarsis para Sá-Carneiro, quien era consciente de la discriminación por la sociedad al vivir libremente su sexualidad. En el desarrollo de la investigación, verificamos que los procesos que dan lugar a la homofobia y conducen al suicidio surgen de la forma como los poderes establecidos condenan la homosexualidad, bajo diversas justificaciones institucionales, sociales y patológicas, para señalarla como una anormalidad.

Palabras-claves: Homossexualidad. Homofobia. Sociedad. Suicidio. Normas.

Recebido em 14 de novembro de 2024.

Aprovado em 15 de dezembro de 2024.

Introdução

A novela *A confissão de Lúcio*, do autor Mário de Sá Carneiro, publicada em 1914, tem oito capítulos e relata o triângulo amoroso dos personagens principais, Lúcio, Ricardo e Marta. O texto é narrado em primeira pessoa pelo narrador-personagem Lúcio, que integra a tríade de protagonistas da história. A história, como explicado no início, é uma tentativa que Lúcio faz de convencer os leitores que a acusação de assassinato, pela qual foi condenado à prisão por dez anos, não procede.

Lúcio é um escritor que foi morar em Paris para estudar direito, porém desiste do curso. Quando compareceu em uma festa, aproximou-se de Ricardo, um poeta português, e assim começou uma amizade intensa entre as duas personagens. Tal festa foi marcada pela voluptuosidade, sensualidade, por meio de como o ambiente era decorado, com uma dança erótica composta de elementos de água, fogo, ar e ossos, que provocou surpresa em todos. Ricardo, chocado com a encenação, confia ao seu amigo o seu desejo de mostrar o valor de suas amizades pelas ternuras. Ricardo naquele momento confessa que, para ele, as suas amizades só podem ser traduzidas por meio de profundos sentimentos afetuosos, pois para ele amizade se confundia com carícia e trocas físicas. Lúcio se surpreende ao ouvir a confidência do amigo.

Um ano depois, quando Ricardo retorna a Lisboa, se casa com Marta, porém, mantém a amizade com Lúcio, permeada pela troca de cartas. Lúcio também retorna à capital e reencontra seu amigo casado. Logo de início Lúcio sente um grande desejo por Marta, uma mulher bonita e misteriosa. Assim, acaba ocorrendo uma traição dupla a Ricardo, da parte da esposa e do amigo. Ricardo admite ele mesmo ter oferecido sua esposa para seus amigos e conseqüentemente a Lúcio. Durante uma brincadeira, Marta incentiva e insiste que Lúcio e Ricardo se beijem. Assim, Lúcio nota a semelhança do beijo, pensamentos e preferências que parecem ser os mesmos em Ricardo e Marta, apaixonando-se por Marta ainda mais intensamente. O papel da personagem Marta como uma representação suplente da pessoa Ricardo, pode ser percebido como a ponte que possibilita os encontros homoafetivos do casal.

Quando Lúcio descobre o caso de Marta com um homem russo Sérgio Warginsky, o seu senso de realidade fica totalmente comprometido e, ao fugir para Paris, queima a peça que estava escrevendo, “A Chama”, e que não tinha sido aceita pelos editores. Assim, volta à capital e reencontra Ricardo para explicar sua partida, alegando que tinha sido por causa dos casos de Marta com outros amigos de Ricardo. Lúcio se sente traído pelo casal. Ricardo, depois de uma longa conversa com seu amigo, o leva pelo braço até o quarto de Marta. Ricardo, atordoado ao saber que seu amigo se sentia traído, saca um revólver do bolso do casaco e dispara contra Marta, porém, para espanto de Lúcio, quem se encontrava morto no chão era o amigo Ricardo: “Ó assombro! Ó quebranto! Quem jazia estirado junto da janela não era Marta - não! - era o meu amigo, era Ricardo... E aos meus pés! - caíra o seu revólver ainda fumegante!...” (SÁ-CARNEIRO, 1996, p. 88).

Dessa forma, considerando que a obra abrange a proposta de mais de uma interpretação da morte de Ricardo, já que a morte ocorre durante uma confusão e a arma depois de disparar cai sobre os pés de Lúcio, e sabendo que o próprio narrador nos confunde e em vários momentos, sendo contraditório, pode-se considerar também a possibilidade da morte de Ricardo como um homicídio. Porém, na perspectiva de estudos que procuram analisar e desvendar os processos sociais que causam a homofobia internalizada que acarretaria os problemas psicológicos, consideramos ser pertinente analisar a obra permeada pela interpretação do suicídio.

O intuito deste trabalho é, a partir de uma leitura da obra *A confissão de Lúcio*, lançar um olhar sobre a questão do suicídio relacionado à homofobia, tendo em vista que a mesma está presente na sociedade patriarcal de uma forma intensa, principalmente dentro do contexto familiar, pois é notável que a juventude que não se identifica com o padrão de orientação sexual disseminado pela heteronormatividade geralmente encontra muito mais abertura para discutir o assunto com colegas de escola, trabalho, ou amigos, do que com a própria família. Sabendo, assim, que a composição de família que se tem na sociedade parte de uma tradição que visa a dar poder aos homens especialmente sobre as mulheres, a relação homoafetiva esbarra nesse aspecto, pois o ato de se relacionar com alguém do mesmo sexo afronta o patriarcalismo da sociedade.

Nesse sentido, e de maneira mais específica, este trabalho procura relacionar o caso de suicídio da obra de Mário de Sá-Carneiro com a homofobia que se encontra enraizada nos discursos da sociedade, e que por causa disso podem provocar uma

homofobia internalizada nas próprias pessoas da comunidade LGBTQIAPN+ (ANTUNES, 2016). Podemos ver isso a partir da criação de Marta pelos personagens principais da obra, atribuindo então a ela o papel de possibilitar que os dois homens, que tinham interesses românticos um pelo outro, pudessem se relacionar sem ter que enfrentar a homofobia por parte da sociedade, e também de si para consigo mesmos.

A obra *A confissão de Lúcio* é considerada por grande parte dos críticos literários como a grande novela do começo da fase do modernismo português (final do século XIX ao começo do século XX) (LOPES, 1987). Foi publicada no ano de 1914 e, para além da questão da homossexualidade como elemento de destaque, pode-se observar desde o início da narrativa que o autor descreve os acontecimentos de um modo muito peculiar, sendo esse disperso e às vezes contraditório:

O motivo central da sua obra é o da crise de personalidade, a inadequação do que sente ao que desejaria sentir. Essa crise transmuta-se nalguns poemas na expressão frenética de uma iminente plenitude vivencial apontada a “viajar outros sentidos, outras vidas”, para além do ponto em que as categorias lógicas deixam de impor-se e quando tudo psicologicamente se perverte ou subverte. As novelas traem mais a formação decadentista saudosista da sua estética, empenhada em perseguir virtualidades oníricas ou implausíveis e certos meandros, que hoje podem parecer psicanalíticos, das relações eróticas reais ou desejadas. (SARAIVA, LOPES, p. 994,995).

O próprio título da obra entra em contradição com o seu enredo, sabendo que, apesar de a obra receber o título *A confissão de Lúcio*, o escritor relata várias vezes no texto que não assassinou Ricardo, tentando convencer o leitor de sua inocência, apesar de demonstrar indiferença quanto ao título de acusado e também desesperança de ser inocentado, desconsiderando então a possibilidade de seu depoimento ser recebido como verossímil.

Em seguida, no decorrer da narrativa, o autor apresenta a solidão da vida burguesa de maneira poética através da fala dos personagens principais, demonstrando influência do seu lado como escritor de poesias. O grande clímax da obra, por sua vez, traz a certeza da representação suplente do personagem Ricardo desempenhada por Marta, tendo em vista que, no mesmo momento em que Ricardo morre, Marta desaparece para nunca mais reaparecer.

O preconceito e homofobia encontrados no meio social (sendo o meio artístico burguês o ambiente mais explorado na obra) é um dos principais motivos para a criação da personagem, tendo em vista que a pessoa Marta sempre se encontra nos ambientes

públicos e socializando com todos colegas dos personagens principais, mas, quando se relaciona romanticamente com Lúcio, é sempre em lugares escondidos. Pode-se concluir, pela necessidade de Marta principalmente nos ambientes sociais, que a sua presença isentava o casal de homens de culpa ou constrangimento por terem sentimentos um pelo outro, e conseqüentemente não há a mesma necessidade quando o casal está a sós, pois não precisam se preocupar com o julgamento social.

Ao escolher a obra *A confissão de Lúcio* como ponto de concentração para perceber a homofobia na sociedade, tem-se a pretensão de lançar um olhar sobre a mesma como fator significativo para casos de suicídios entre pessoas homossexuais ou pessoas que tenham relacionamentos homoafetivos, partindo do pressuposto de que, se pensarmos em uma sociedade inclusiva e não homofóbica, a tragédia da morte de Ricardo poderia ter sido evitada, pois a figura de Marta não precisaria ser criada pelos personagens principais se a sociedade fosse respeitosa e tivesse posicionamentos aceitáveis, e acolhedores quanto a qualquer orientação sexual diferente da heterossexual. Dessa forma, considerando tais aspectos de rejeição impostos pela sociedade, o resultado pode ser o desencadeamento de sérios problemas psicológicos, os quais podem levar uma pessoa a cometer suicídio.

Para pensarmos esta questão, utilizaremos o pensamento de Michel Foucault. Em *História da sexualidade* (1999), Foucault analisa como as normas sociais e os discursos dominantes classificam e excluem aqueles que são considerados “anormais” ou “desviantes”. Nesse sentido, a violência contra homossexuais pode ser entendida como uma forma de repressão e punição daqueles que não se encaixam nas normas heteronormativas estabelecidas. A sociedade impõe categorias binárias de gênero e sexualidade, marginalizando aqueles que desafiam essas categorias e impondo um sofrimento psicológico significativo. Será tido como aporte teórico, também, *O suicídio* (1897) de Émile Durkheim, que percebe o suicídio como uma causa social atrelada a fenômenos sociais constituídos por tradições que têm papel de pilares guiadores da moral coletiva.

Para Foucault, a violência heteronormativa institucionalizada é característica da sociedade do século XIX, mesma de Lúcio, caracterizada como a era de ideologias das massas. Para Foucault, a homossexualidade é um lugar social de exercício de poder, e, logo, pode ser entendida a partir da ideia de “dispositivo”, “um conjunto decididamente

heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas.” (FOUCAULT, 1996, p. 244)

No caso da violência contra homossexuais, podemos perceber como as normas sociais, as leis e as instituições estabelecem uma série de práticas de exclusão e marginalização. A homofobia internalizada na sociedade contribui para a perpetuação da violência e para a criação de um ambiente hostil para as pessoas homossexuais, considerando os casos de homofobia que acontecem de forma física e verbal em locais públicos ou privados.

1 MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO E A *CONFISSÃO DE LÚCIO*

Nota-se que Mário de Sá-Carneiro, antes de se julgar incapaz de viver sua sexualidade, já se via como alguém indisposto para a vida social, tendo em vista a sua aparência física de menino baixo, gordo e não enquadrado nas normas de beleza padrão:

Mas Sá-Carneiro não gosta da sua imagem. “Pobre menino ideal” desde cedo desajustado e inapto para a vida, não pode enamorar-se de si próprio, como Narciso na versão clássica do mito. É na arte que projeta o seu sonho de beleza, o sonho de chegar «além» de que fala num dos seus mais conhecidos poemas. Essa ânsia de plenitude estética, nostalgicamente vislumbrada desde os primeiros versos (“Vêm-me saudades de ter sido Deus...” 3), define um percurso poético em que um eu se busca e busca a sua obra (ROCHA, 2022, p. 8,9).

Pode-se perceber que Mário de Sá-Carneiro é um autor que traz muitos aspectos autobiográficos, tanto em sua obra narrativa quanto na poética, como se nota no seguinte trecho da sua biografia escrita por Clara Rocha:

A sua dor de não ter chegado «além» e de não ter permanecido «aquém» traduz-se num conjunto variado de metáforas que procedem de um mesmo paradigma semântico—da falta, da falha ou da impotência. “Castelos desmantelados”, “leões alados sem juba”, “esfinge sem mistério”, “templo prestes a ruir sem deus”, “asa que se e lançou mas não voou”, “templos aonde nunca pus um altar”, “rios que perdi sem os levar ao mar”, “ogivas para o sol—vejo-as cerradas”, “mãos de herói, sem fê, acobardadas”, “herói de novela/Que autor nenhum empregou...”, “trapézio escangalhado”, “mastros quebrados”, “carroussel partido” são alguns exemplos dessas metáforas. Todas elas obedecem a uma forma fixa, composta por um nome seguido de um atributo que lhe retira uma propriedade essencial: “leões [...] sem juba”, “asa que [...] não voou”, “ogivas para o sol [...] cerradas”....(ROCHA, 2022, p. 9,10).

O trecho "A dor de não ter chegado além e de não ter permanecido aquém" pode ser associado ao fato de Ricardo nunca ter conseguido experienciar o afeto romântico que sentia por Lúcio sem ter que se personificar mentalmente na figura suplente de Marta, ou seja, apesar de Ricardo "não ter permanecido aquém", que significa ter vivido o romance homossexual, mas com a personificação de uma mulher, ele não pode experimentar o afeto de Lúcio (que seria chegar além) sem a alusão da personagem feminina.

Outro trecho que representa a característica de Mário de Sá-Carneiro na construção da identidade da personagem Ricardo, tendo em vista que os maiores dilemas enfrentados por esse autor estavam relacionados a sua sensação de impasse consigo mesmo que vinham da omissão de sua orientação sexual representada no afeto que Ricardo sentia por Lúcio, é um momento d' *A confissão de Lúcio* em que Ricardo relata a Lúcio a sua dor de sentir a sua capacidade de sonhar comprometida, sendo que o mesmo pressentia que nem mesmo os sonhos poderiam trazer algum alento ao seu espírito, pois, no pensamento dessa personagem, por mais que ele pudesse alcançar os seus desejos, o seu sentimento de almejar sempre um estado de espírito inalcançável não desapareceria:

Mas hoje já não sei com que sonhos me robustecer. Acastelei os maiores... eles próprios me fartaram: são sempre os mesmos — e é impossível achar outros... Depois, não me saciam apenas as coisas que possuo — aborrecem-me também as que não tenho, porque, na vida como nos sonhos, são sempre as mesmas. De resto, se às vezes posso sofrer por não possuir certas coisas que ainda não conheço inteiramente, a verdade é que, descendo-me melhor, logo averiguo isto: Meu Deus, se as tivera, ainda maior seria a minha dor, o meu tédio. (SÁ-CARNEIRO, 1991, p. 15).

Essa sensação do inalcançável, suscitada pelo escritor e transportada para a personagem, pode ser relacionada com a sua consciência da homofobia que seria enfrentada ao vislumbrar a possibilidade de assumir a sua orientação sexual, esse estado de “quase” pode ser traduzido como o pressentimento do homossexual não assumido de que o seu círculo social jamais poderá o aceitar, experiência vivida tanto pelo autor quanto pela personagem.

A sua imagem poética de contradição, como “leões alados sem juba”, pode também ser associada à mesma contradição do fato de, para ter um relacionamento homossexual, ser necessária a representação mental de um mesmo heterossexual.

Eu não sou eu nem sou o outro,/ Sou qualquer coisa de intermédio:/ Pilar da ponte de tédio/ Que vai de mim para o Outro. (apud ROCHA, 2022, p. 83,84).

Pode-se entender que a angústia existencial de Mário de Sá-Carneiro, associa-se ao fato de o mesmo não ter uma rede de apoio social (o que se relaciona muito a questão da época em que ele vivia) para que pudesse assumir a sua dedutível orientação sexual, tendo em vista que esse “quase” no qual o autor diz sempre viver é fruto da omissão de seu desejo afetivo sexual, como se nota em sua biografia:

Diz o poeta num dos seus mais belos versos: “— Ai a dor de ser-quasi, dor sem fim...” 16 Da ascensão à queda, o seu mal-estar toma várias configurações: a hiperexcitação, a febre, o delírio, a náusea, o tédio, o cansaço, a autopiedade, a vontade de esquecimento. (ROCHA, 2022, p.14).

Partindo do pressuposto de que a angústia existencial do autor e personagem são fruto em grande parte do ocultamento de sua orientação sexual, pode-se entender a homofobia internalizada como um aspecto que possa gerar esse sentimento de vazio, pois a repetição de discursos heteronormativos e a educação que as crianças recebem no seio familiar apontam a heterossexualidade como um padrão inerente a qualquer ser humano. Sobre as relações de poder social que influenciam em como a sociedade percebe a sexualidade, Borrillo e Saffioti (2004) dizem:

No jogo de poder, heteronormativos, heterossexistas e heterocentristas lutam para impedir que pessoas que eles considerem inferiores, ou que pratiquem crenças diferentes das suas, recebam o mesmo tratamento reservado para si mesmos. Dessa forma, os heterocentristas, heteronormativos e heterossexistas não só se mantêm em sua falsa superioridade, como podem influenciar os que são diferentes a se adaptarem às suas crenças. Pregam que se o indivíduo se comportar como heterossexual, mesmo possuindo desejo homossexual, poderá ter os privilégios reservados (apud ANTUNES, 2016 p. 113, 114).

Portanto, pode-se interpretar a ânsia por um estado de espírito inalcançável no qual o escritor e personagem se encontravam, como resultado dos padrões sociais de relacionamento afetivo sexuais internalizados em ambos, considerando que o desvio da normas de relacionamento heterossexual requer um enfrentamento da discriminação, possíveis agressões físicas e verbais, dentre outras formas de importunar a comunidade homossexual que os heterossexistas praticam.

É perceptível, através do poema “Além tédio”, que o autor, não somente nesse poema, mas em toda a sua obra poética, relata um cansaço de viver, uma fadiga que não finda nunca. Isso ocorre pela necessidade da omissão de sua orientação sexual, tendo em vista que, na sociedade na qual vivia, a homossexualidade era tida como algo desagradável e desafiadora das convenções sociais daquela época, ou seja, o casamento. Alguns versos do poema podem exemplificar esse vazio:

[...] Como eu quisera, enfim d'alma esquecida,/ Dormir em paz num leito d'hospital.../ Cansei dentro de mim, cansei a vida/ De tanto a divagar em luz irreal. [...] (ROCHA, 2022 p.16)

Em determinado trecho de *A confissão de Lúcio*, é possível perceber mais aspectos autobiográficos da escrita de Sá-Carneiro.

Percebe-se que o autor, apesar de viver sempre à margem de seu próprio eu, se define como um grande apreciador da vida, mostrando grande satisfação em contemplá-la. A grande contradição do poeta, representado por Ricardo nessa passagem da obra, evidencia a contradição que abarca a vida do autor, e tem seu ponto de destaque no que diz respeito a Sá- Carneiro ter uma visão poética tão bela da vida, ao mesmo tempo em que a maldiz por viver distante de uma identidade não alcançada.

— Paris! Paris! — exclamava o poeta — Porque o amo eu tanto? Não sei... [...] É o único ópio loiro para a minha dor — Paris! [...] Só posso viver nos grandes meios. Quero tanto ao progresso, à civilização, ao movimento citadino, à actividade febril contemporânea!... Porque, no fundo, eu amo muito a vida. Sou todo de incoerências. Vivo desolado, abatido, parado de energia, e admiro a vida entanto como nunca ninguém a admirou!» (apud ROCHA, 2022, p. 26).

Podemos entender Sá-Carneiro como um grande contemplador da arte por meio de seu ato de deixar o curso de direito para ser escritor, tendo em vista que seria mais conveniente, em termos de estabilidade financeira, cursar uma faculdade do que seguir a vida de escritor, que é vista como uma profissão que demanda maior interação social e estratégia para que se alcance determinado sucesso, considerando que ao se dedicar integralmente a esse trabalho é preciso alcançar uma demanda de popularização da sua própria escrita.

Podemos perceber em seu poema “Cinco Horas” traços da contemplação dos ambientes e do passar do tempo, que o autor tinha como inspiração para a sua escrita:

Passar tempo é o meu fito,/ Ideal que só me resta:/ Pra mim não há melhor festa,/ Nem mais nada acho bonito./ — Cafés da minha preguiça,/ Sois hoje — que galardão! — /Todo o meu campo de acção /E toda a minha cobiça. (ROCHA, 2022 p. 29).

É possível associar ainda tais trechos de “Cinco Horas” com uma passagem d’*A confissão de Lúcio* na qual Ricardo relata que preencher o seu tempo era o único objetivo que lhe tinha restado em sua vida:

De forma que gastar tempo é hoje o único fim da minha existência deserta. Se viajo, se escrevo — se vivo, numa palavra, creia-me: é só para consumir

instantes. Mas dentro em pouco — já o pressinto — isto mesmo me saciará. E que fazer então? Não sei... não sei... Ah! que amargura infinita... (SÁ CARNEIRO, 1991, p. 15).

Compreende-se, assim, que os traços autobiográficos d'*A confissão de Lúcio* são parte dos sentimentos de Sá-Carneiro empregados na construção do personagem Ricardo Loureiro, sendo perceptível que as características de escrita poética do autor português mostram um eu-lírico solitário e reflexivo sobre a sua existência, tentando preenchê-la com algum passatempo, sabendo que esses mesmos sentimentos partem da voz narrativa do personagem da obra.

Neste escrito de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa, podemos perceber as suas semelhanças com o personagem Ricardo Loureiro de sua obra mais famosa, é notável que as características de solidão, vazio existencial, busca incessante pela identidade do eu denotam aspectos que reafirmam a possibilidade do carácter autobiográfico da obra:

Estou em Paris/ Estou aborrecidíssimo Tenho saúde/Sinto-me infeliz em extremo/Tenho dinheiro/Vivo numa tortura constante/Posso fazer o que quiser/Sofro muito/ Não tenho preocupações/ A minha desolação é ilimitada/ Não tenho desgostos. 43. (apud ROCHA, 2022, p. 30).

Pode-se notar neste escrito que Sá-Carneiro poderia estar confidenciando sua orientação sexual a Fernando Pessoa, mas de uma forma metafórica, entendendo, assim, que a vontade que o autor tinha de conhecer e possuir o seu próprio corpo era na verdade um desdobramento de seu desejo homoafetivo. Tendo em vista que não tinha liberdade de ser na sociedade, para que pudesse se relacionar com outro de si (homem), o mesmo desejava então a si próprio:

O que eu desejo, nunca o posso obter nem possuir, porque só o possuiria sendo-o. Não é a boca daquela rapariga que eu quisera beijar; o que me satisfaria era sentir-me, ser-me aquela boca, ser-me toda a gentileza do seu corpo agreste. (apud ROCHA, 2022, p. 50).

Dessa forma, nesta correspondência que Sá-Carneiro manda a Pessoa, podemos perceber mais um aspecto autobiográfico da obra *A Confissão de Lúcio*.

Neste trecho da novela, podemos perceber que é dada pelo autor a primeira pista sobre Marta ser a representação de Ricardo, pois este diz que somente poderia se relacionar sexualmente com outro homem, se este se tornasse mulher, e é isso que acontece quando se cria a personagem Marta:

[...] Por isso hoje eu vou ter a coragem de confessar, pela primeira vez a alguém, a maior estranheza do meu espírito, a maior dor da minha vida... Deteve-se um instante e, de súbito, em outro tom: — É isto só: — disse — não posso ser amigo de ninguém... Não proteste... Eu não sou seu amigo. Nunca soube ter afectos — já lhe contei — apenas ternuras. A amizade máxima, para mim, traduzir-se-ia unicamente pela maior ternura. E uma ternura traz sempre consigo um desejo caricioso: um desejo de beijar... de estreitar... Enfim: de possuir! Ora eu, só depois de satisfazer os meus desejos, posso realmente sentir aquilo que os provocou. A verdade, por consequência, é que as minhas próprias ternuras, nunca as senti, apenas as adivinhei. Para as sentir, isto é, para ser amigo de alguém (visto que em mim a ternura equivale à amizade) forçoso me seria antes possuir, quem eu estimasse, ou mulher ou homem. Mas uma criatura do nosso sexo, não a podemos possuir. Logo eu só poderia ser amigo duma criatura do meu sexo, se essa criatura ou eu mudássemos de sexo. [...] (SÁ-CARNEIRO, 1991 p.23).

Nesse trecho da narrativa de Sá-Carneiro, podemos perceber que o aspecto mais trabalhado em todas as obras do autor é a sua tentativa de encontro com a sua própria identidade, pois é notável direta ou indiretamente a temática do autor que sempre se desenvolve em torno dessa busca. No entanto, pode-se perceber que a maneira como o autor desenvolve essa temática varia, pois nas poesias a busca por essa completude de si é realizada a partir da própria percepção do eu-lírico quanto a sua personalidade, já em seus textos narrativos, o escritor português transpõe essa imagem de busca de seu eu, por meio da criação e interação de seus personagens entre si, pois, como podemos notar na sua principal obra *A confissão de Lúcio*, há uma hipótese de que, assim como Marta era o duplo de Ricardo, Ricardo seria o duplo de Lúcio, criando assim uma narrativa imagética que gira em torno da busca pela essência de si próprio, tema mais recorrente em todas as obras do escritor:

[...] Nem ópio nem morfina. /O que me ardeu, Foi álcool mais raro e penetrante: /É só de mim que eu ando delirante — /Manhã tão forte que me anoiteceu. (apud ROCHA, 2022, p. 60).

A partir do trecho a seguir, da Biografia do escritor português, podemos perceber que Sá-Carneiro deposita a ideia de que a fuga das convenções sociais e defesa das próprias vontades eram tidas como loucura, em uma sociedade evidentemente marcada pelos dispositivos de sexualidade. Percebemos isso no fato de a prisão na qual o personagem Lúcio se encontra no fim do enredo da novela apresentar traços de manicômio, tendo em vista que a personagem reclusa foge da convenção de heteronormatividade ao se relacionar com outro homem, ao mesmo tempo em que o mata (no ponto de vista de quem investiga o caso) e afirma ter se relacionado com uma mulher que desapareceu como fumaça:

Também Mário de Sá-Carneiro escreveu sobre a loucura, representando-a como destino daqueles que não se adaptam às convenções sociais e que defendem todo o preço a sua liberdade individual. A loucura é para ele uma forma de singularidade que reforça a condição do superior artista, mas que ao mesmo tempo condena ao isolamento e ao sofrimento. (ROCHA, 2022, p. 64).

Podemos perceber, por meio desta carta, que Sá-Carneiro queria alcançar uma sintonia com o seu próprio eu, a certo ponto, que não poderia esperar conviver com ideia de uma morte accidental, o anseio por sua vida era tão grande que ele mesmo queria decidir quando a encerrar:

«[...] Depois, coisa interessante, quando eu medito horas no suicídio, o que trago disso é um doloroso pesar de ter de morrer forçosamente um dia mesmo que não me suicide.» (ROCHA, 2022, p. 71,72).

Assim, conclui-se que o triângulo amoroso essencial ao enredo da obra se faz como uma extensão de criação de personagens literárias autobiográficas, sendo Marta e Lúcio duplos de Ricardo, a primeira como figura mediadora da relação homoerótica, e a terceira como atração física por si mesma transposta para outra personalidade do mesmo sexo, ou seja, a busca de si no outro motivado pelo seu próprio vazio existencial suscitado pela homofobia internalizada.

2 HOMOFOBIA E SOCIEDADE

Foucault apresentava o dispositivo de sexualidade como um mecanismo que engloba uma série de causas e efeitos sociais que influenciam em como as pessoas percebem e aceitam a sua sexualidade diante das múltiplas adversidades enfrentadas (suscitadas pela economia, religião, e política), em torno do rompimento de uma sexualidade tida como única e aceitável, assim essa tríade de correntes ideológicas e sucessórias buscam inviabilizar as várias formas de identificação da sexualidade humana:

Através deste termo [dispositivo] tento demarcar [...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes termos (FOUCAULT, 1996, p. 244).

Pode-se perceber que o dispositivo de sexualidade vai além do físico e do social de cada pessoa, pois, ao colocar termos que apontam para práticas sociais, entende-se que

esses meios influenciam na forma como as pessoas percebem e aceitam as suas orientação sexual e identidade de gênero.

O dispositivo é “um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência” (FOUCAULT, 1996, p. 244), ou seja, em determinado momento histórico, a partir de contextos específicos, surgem discursos e práticas que visam responder às demandas sociais, políticas ou morais (MADLENE, 2007, p. 2).

A partir disso, nota-se que os dispositivos de sexualidade humana estão relacionados à construção de formação que se recebe, e essa se relaciona às demandas sociais de cada período histórico, ou seja, à medida que o patriarcalismo predominava nas sociedades passadas, qualquer manifestação de sexualidade que não atendessem à heteronormatividade era considerada como algo intolerável. Considerando ainda que era por meio do casamento que os homens concretizavam a sua força dominante sobre as mulheres, a união homossexual se tornava ainda mais inviável, tendo em vista que nessa não é possível estabelecer a relação de poder e opressão do homem contra a mulher, a qual se realiza por meio do casamento heteronormativo.

Este dispositivo, com suas verdades e valores morais, dita aquilo que deve ser praticado, interfere nas subjetividades e nas construções individuais referentes aos prazeres e ao corpo. Esta influência se dá em todos aqueles indivíduos que não se desprendem deste dispositivo, sejam eles heterossexuais ou homossexuais. Pode-se ainda acrescentar que a concepção de sexualidade que se adota segue um padrão fálico, em que o prazer sexual está intrinsecamente ligado ao ato sexual e principalmente à penetração, em ambos os casos de relações sexuais (homo ou heterossexuais) (MADLENER, 2007, p. 2).

Assim, pode-se afirmar que o dispositivo de sexualidade interfere, não somente na identidade afetivo sexual das pessoas, mas também na forma como realizam o ato sexual, pois se popularmente o sexo é tido como algo que pode proporcionar prazer tão somente através da penetração, ideia trazida da visão heterocentista, nota-se que a interferência do dispositivo de sexualidade parte de discursos sociais, mas influencia individual e diretamente na relação sexuais das pessoas.

Segundo Foucault, “foi por volta de 1870 que os psiquiatras começaram a constituir-la (a homossexualidade) como objeto de análise médica: ponto de partida, certamente, de toda uma série de intervenções e de controles novos. Paralelamente ao crescente interesse do discurso médico sobre a homossexualidade, surgiram também manifestações homossexuais interessadas em expor sua realidade, a verdade a partir do seu ponto de vista. Os homossexuais percebem esta dissecação de seus desejos como um desafio, produzindo como resistência outros discursos sobre si mesmos, principalmente através da literatura. Esta resistência, para Foucault, é essencial para que os movimentos homossexuais se afirmem, mas de outra forma que não aquela

institucionalizada pelo dispositivo da sexualidade...” (MADLENER, 2007, p, 2,3).

Dessa forma podemos perceber que a homoafetividade, por meio dos discursos fomentados pelos dispositivos de sexualidade, é suscitada como prática, e vulgarizada, por isso, nos discursos sobre homossexualidade, é tão difícil que seja encontrada uma maneira de tratar assuntos que envolvam atos sexuais. Conseqüentemente, pelo fato de a sexualidade não padrão ser discriminada, é também difícil falar sobre o assunto em áreas sociais, pois, ao serem considerados como pessoas vulgares, desviantes da norma, e transgressoras daquilo que é tido como sagrado (através das concepções discriminatórias), as pessoas gays terão seus discursos desvalidados.

A revolta do corpo sexual é o contra-efeito desta ofensiva. Como é que o poder responde? Através de uma exploração econômica (e talvez ideológica) da erotização, desde os produtos para bronzear até os filmes pornográficos... Como resposta à revolta do corpo, encontramos um novo investimento que não tem mais a forma de controle-repressão, mas de controle-estimulação: “Fique nu... mas seja magro, bonito, bronzeado!” (FOUCAULT, 1996, p. 233)

Assim, é perceptível que existe uma problemática nos discursos e práticas modernas de exposição corporal atrelados à sexualidade, pois os pensamentos que eram para ser dissolvidos em discursos e práticas de liberdade para expor ou não o corpo conforme a sua vontade, se torna parte do mercado consumista que visa lucro. O patriarcado, em sua visão mercadológica, ao perceber que a homossexualidade não pode ser apagada do mundo, entende que é possível tirar o máximo de proveito econômico da orientação sexual desviante, promovendo um espaço midiático que agrega a hipersexualização dos corpos gays e trans, lucrando por meio desses enquanto os estigmatiza em uma condição de depravamento, imoralidade, indecência, e por fim, prostituição.

Assim, é necessário que os movimentos que lutam em nome da homossexualidade busquem a ampliação de discursos e práticas que avancem as barreiras da sexualidade, e atinjam a âmbito da busca da identidade do ser humano, pois, de acordo com o autor, à medida que se busca pautar a homossexualidade somente dentro de questões sexuais, reforça-se a ideia de que ser homossexual é somente uma prática sexual, descartando assim o preconceito que existe na sociedade e também o próprio dispositivo de sexualidade:

O discurso político e teórico que produz a representação “positiva” da homossexualidade também exerce, é claro, um efeito regulador e disciplinador. Ao afirmar uma posição-de-sujeito, supõe, necessariamente, o estabelecimento de seus contornos, seus limites, suas possibilidades e restrições. Nesse discurso, é a escolha do objeto amoroso que define a identidade sexual e, sendo assim, a identidade gay ou lésbica assenta-se na preferência em manter relações sexuais com alguém do mesmo sexo (LOURO, 2001, p. 544).

Assim, é possível compreender que até mesmo na busca pela identidade homossexual dentro da própria comunidade, pode-se formar estereótipos, pois, ao buscar tal plenitude característica do comportamento gay, delimita-se o que é ou não parte daquela construção, o que faz ou não parte daquela integralidade, podendo então correr o risco de criar estereótipos que excluem ou incluem as pessoas dentro dessa identidade. Dessa forma, é vedada a pluralidade de ser das pessoas, pois nem todas as pessoas que não atendem aos padrões da heteronormatividade vão ter identidades que se encaixam em um mesmo perfil.

É visto, ainda, o risco da identificação da homossexualidade com os modelos da heterossexualidade, pois, ao definir uma orientação sexual partindo de um espelhamento em relação à outra, se posiciona essa (heterossexualidade) como orientação superior à outra, reforçando com o apontamento Britzman, “a obsessão com a sexualidade normalizante, através de discursos que descrevem a situação homossexual como desviante” (BRITZMAN, 1996, p. 79), que o seguimento das normas hetero centristas dentro das identidades homossexuais reforçam a tradição patriarcalista, da qual a própria comunidade gay deseja se apartar.

Portanto, compreendemos que é preciso desconstruir a ideia de que existe uma delimitação de identidade sexual, pois, ao criar estereótipos de como as pessoas devem ser para se encaixar em determinada comunidade, faz-se uma exclusão da inserção da pluralidade de ser, ou seja, à medida que se criam regras que incluem ou excluem as pessoas em determinada identidade, é vedada a possibilidade de se descobrir novas formas de ser, e considerá-las como válidas:

[...] toda identidade sexual é um constructo instável, mutável e volátil, uma relação social contraditória e não-finalizada. Como uma relação social no interior do eu e como uma relação social entre “outros” seres, a identidade sexual está sendo constantemente rearranjada, desestabilizada e desfeita pelas complexidades da experiência vivida, pela cultura popular, pelo conhecimento escolar e pelas múltiplas e mutáveis histórias de marcadores sociais como gênero, raça, geração, nacionalidade, aparência física e estilo popular. (BRITZMAN, 1996, p. 74).

De acordo com Britzman, pode-se suscitar uma questão muito importante a ser tratada, que é se a identidade sexual de uma pessoa é realmente natural e imutável, ou se essa pode variar de acordo com as experiências as quais a pessoa se permite viver, dentro de suas próprias perspectivas de auto percepção. De acordo com a autora, a segunda opção é a que faz mais sentido, pois, ao considerar que a identidade sexual faz parte de uma construção que está ligada às relações sociais e que estas têm influência na construção de tal identidade (apesar de não a determinar), é possível concluir que, na visão da psicanalista, a identidade sexual das pessoas é mais uma questão de se perceber em determinado momento e reformular essa percepção ao longo da vida, e não se identificar de certa forma e perceber tal identidade como algo imutável, dialogando assim com Foucault, que diz: “temos que nos esforçar em nos tornar homossexuais e não nos obstinarmos em reconhecer que o somos” (FOUCAULT, 2005, p. 1)”.

Foucault, dentro dessa perspectiva de se tornar homossexual e reformular suas próprias percepções de vida enquanto homossexual, aponta a necessidade de a pessoa acessar o seu individual, não como uma forma de se distanciar do outro, mas sim de se aproximar de si, e também descreve a importância da dessexualização das relações homoafetivas, pois, enquanto se pensa que ser homossexual é apenas uma questão de ato sexual e não de identidade, levanta-se a ideia preconceituosa que diz ser aceitável que pessoas do mesmo sexo se relacionem sexualmente, mas não afetiva e romanticamente.

A ascese é a tarefa de auto-elaboração. Na discussão atual sobre a amizade, a ascese deve desempenhar uma função importante, pois mediante as práticas de si pode-se alcançar uma ascese homossexual, que permita inventar um modo de vida até agora improvável. As decisões sexuais possuem uma dimensão existencial, atravessam a totalidade da vida e são susceptíveis de transformá-la [...] Ser homossexual significa para Foucault ser em devir (ORTEGA, 1999, p. 166).

Dentro dessa perspectiva foucaultiana, visualiza-se que a amizade é contemplada de uma forma diferente da que se costuma perceber na sociedade, pois, na perspectiva do autor, a amizade deve ser uma relação de busca por identidade ao estar na companhia do outro, pois o contato com o outro promove a possibilidade da percepção do que é sentido. O autor aponta a amizade como uma possibilidade de descoberta de si mesmo por meio do ato de interagir, e tendo em vista que relações mudam no decorrer da vida, reafirma que a identidade sexual do ser humano é reformulada no decorrer de como e com quem a pessoa se relaciona.

Porém, deve-se ser extremamente cauteloso ao ter as relações como ponto de partida para a autodescoberta do eu sexual, pois, nesse caminho, pode-se cometer o erro de confundir a sexualidade alheia (já declarada) com a sua própria sexualidade (ainda em fase de exploração). Outro cuidado que devemos tomar ao pensar a descoberta da sexualidade em meio às interações sociais é o de não confundir essa ideia com os discursos discriminatórios que apontam a homoafetividade e a transexualidade como identidades que são incentivadas às pessoas, desvalidando a autenticidade daqueles que não são heteronormativos.

Ainda dentro da perspectiva que descarta a necessidade de se apoiar na heterossexualidade como orientação sexual padrão para reivindicar os direitos nas lutas em nome da homossexualidade, Foucault apresenta a ideia de que, ao invés disso, é necessário buscar novas formas de se relacionar para ambas as sexualidades, pois, tendo em mente que o dispositivo de sexualidade padroniza e pré-determina não somente com qual sexo a pessoa vai se relacionar (se é com alguém do mesmo sexo ou do oposto), mas também a forma como a pessoa vai se relacionar (quando se refere ao ato sexual, sempre padronizando a penetração), ambas as orientações sexuais estão pré-dispostas a seguirem tradições. O risco de se basear nas formas de relacionamento heterossexuais para se reivindicar os direitos das pessoas gays está justamente na possibilidade de buscar direitos de se relacionar, que estão de acordo com os valores sociais, mas sabendo que estes não visam a integridade de ser das pessoas, mas sim os interesses políticos e patriarcais, conclui-se que a luta em favor da homossexualidade deve buscar novas formas de relacionamento que venha ultrapassar os campos do dispositivo de sexualidade, deixando para trás as tradições hetero centristas.

Nesse sentido, a amizade cabe como uma nova forma do homossexual de se relacionar, buscando, assim, maneiras de relacionamento que superem o estigma hipersexualizado que se impõe sobre as pessoas homossexuais, no qual se tem a relação sexual como práticas que revelam o centro da personalidade homoafetiva, pois, como diz o autor: “isso em que devemos trabalhar, me parece, não é tanto em liberar nossos desejos, mas em tornar a nós mesmos infinitamente mais suscetíveis a prazeres” (FOUCAULT, 2005, p. 1). A busca pela superação desse estereótipo por meio da descoberta mediada pela amizade, visa romper a visão hipersexualizada da homoafetividade, que é suscitada

pela sociedade através do dispositivo de sexualidade, que considera as pessoas gays como promíscuas.

Percebemos, contudo, a carência de voltar a atenção à questão do que é necessário se buscar nas lutas pelos direitos de ser homossexual. Assim, não se busca desvalidar as lutas pelo direito de casamento civil ou religioso e a adoção de crianças, mas sim expandir as possibilidades de ser, pois o ato de casar e ter filhos ainda é fruto da tradição heteronormativa, e portanto, mesmo que importante, essa busca pode estar associada à busca pelos direitos homossexuais que se modelam de acordo com o padrão heterocentrista. Então, faz-se necessário lutar pela liberdade de ser, considerando todas as possibilidades, para que todos possam ter um leque de possibilidades de inventar e reinventar seu eu, podendo casar-se ou não, adotar filhos ou não, conforme suas perspectivas de vida. Lembrando que para que isso seja possível é necessário validar e sustentar as lutas pelos direitos sociais nos movimentos homossexuais.

3 A RELAÇÃO ENTRE SUICÍDIO E FENÔMENOS SOCIAIS

Tornando-se uma das expressões mais profundas do sentimento de angústia e crise existencial, aspectos do modernismo português, *A confissão de Lúcio* se destaca como o primeiro romance português que traz a homossexualidade como um de seus temas centrais. Dentro de tal narrativa, o ato suicida surge como uma questão central, suscitando as tensões internas dos personagens e o ambiente social decadente no qual se encontram. O fato que traz mais impacto à narrativa é o mistério em torno da morte de Ricardo, representado pelo enigma do que realmente ocorreu no último encontro entre ele, Lúcio e Marta. Apoiado no capítulo “Relação do suicídio com outros fenômenos sociais”, do livro *O suicídio* (1897), de Émile Durkheim, compreende-se o suicídio de Ricardo sob uma perspectiva que ultrapassa a psicologia individual, tendo em vista as relações dilemáticas construídas na narrativa, e demarcando ainda a influência das dinâmicas sociais sobre o comportamento suicida. Lembrando ainda, como já dito na introdução, que a interpretação da Morte de Ricardo como um suicídio é escolhida, dentre a outra interpretação que aponta para um homicídio, para que a análise social de homofobia e suicídio possa ser congruente.

Desenvolvendo-se em um ambiente de incerteza, ilusão e desespero, o enredo se concentra na complexa relação do triângulo amoroso vivido por Lúcio, Ricardo e Marta.

Ricardo encontra-se submerso em densa crise de identidade e realidade, relacionando ambas com seus dilemas pessoais e percebendo em si ânsias que não poderiam ser alcançadas, como se nota no trecho a seguir:

...A carne feminina — que apoteose! Se eu fosse mulher, nunca me deixaria possuir pela carne dos homens — tristonha, seca, amarela: sem brilho e sem luz... Sim! num entusiasmo espasmódico, sou todo admiração, todo ternura, pelas grandes debochadas que só emaranham os corpos de mármore com outros iguais aos seus — femininos também; arruivados, sutuosos... E lembra-me então um desejo perdido de ser mulher — ao menos, para isto: para que, num encantamento, pudesse olhar as minhas pernas nuas, muito brancas, a escoarem-se, frias, sob um lençol de linho...(SÁ-CARNEIRO, 1991, p. 23).

Seu ato suicida traz dúvidas sobre como tal personagem foi capaz de chegar a esse ponto, e nos leva a entender que os processos psicológicos vividos pelas pessoas estão diretamente relacionados com a hierarquia de papéis de gênero na qual a sociedade está organizada, pois o princípio que faz com que o homem homossexual seja discriminado é justamente o fato de ele perder o seu poder patriarcal ao deixar de ser considerado homem. Intensamente marcado pela sensação de alienação e pela carência de propósito de vida, o enredo traz temas que se encontram com a abordagem de Durkheim sobre o suicídio como um fenômeno social.

De acordo com Durkheim o suicídio não deve ser traduzido como um ato intrinsecamente pessoal. Para o sociólogo, “o suicídio é um fenômeno eminentemente social, que depende, antes de tudo, do estado da sociedade no qual o indivíduo se encontra inserido” (DURKHEIM, 1897, p. 37). Em *A confissão de Lúcio*, a desordem e crise interna em que os personagens vivem, representadas pelo desmanche dos laços sociais e a ruptura das normas morais, podem ser associadas à definição durkheimiana de “anomalia”. Para Durkheim, ocorre a anomia quando “as normas sociais perdem sua força reguladora e o indivíduo não encontra mais um ponto de referência moral” (DURKHEIM, 1897, p. 142), podendo-se relacionar tal conceito ao envolvimento de Ricardo e Lúcio, enclausurados em um universo sorumbático de incerteza e desespero, percebendo isso no momento da obra em que antecede a confusão que resulta a morte de Ricardo:

O meu amigo - ainda que preso de uma grande excitação - abriu a carta, leu-a rapidamente, e logo a amarfanhou arremessando-a para o sobrado... Depois, torceu-me o braço com maior violência. Em redor de mim tudo oscilou... Sentia-me disperso de alma e corpo entre o rodopio que me silvava... tinha receio de haver caído nas mãos de um louco... E numa voz ainda mais velada, mais singular, mais falsa - isto é: melhor do que nunca parecendo vir doutra garganta —, Ricardo gritava-me num delírio: — Vamos ver! Vamos ver!...

Chegou a hora de dissipar os fantasmas... Ela é só tua! e só tua... hás-de me acreditar!... Repito-te: Foi como se a minha alma, sendo sexualizada, se materializasse para te possuir... Ela é só minha! É só minha! Só para ti a procurei... Mas não consinto que nos separe... Verás... Verás! (SÁ-CARNEIRO, 1991, p. 63).

Segundo Durkheim, o suicídio é um ato que pode ocorrer de três formas distintas: egoísta, altruísta e anômico. Para ele, o suicídio egoísta é aquele em que “o indivíduo se isola da sociedade a tal ponto que os laços que o conectam ao coletivo se enfraquecem ou se rompem completamente” (DURKHEIM, 1897, p. 65). Esse suicídio é acarretado pela carência de socialização, em que o ser humano deixa de se sentir integrante de um todo, se vendo a par dos grupos sociais existentes, se percebendo então excluído e estereotipado por esses como não digno de interação, julgam a sua existência como fútil e sem valor.

Percebe-se, no decorrer do enredo da obra estudada, que Ricardo se encontra em um mundo de incertezas e dilemas quanto a valores morais tido como comuns, fator que provoca a sua decadência psicológica. Tal afirmação pode ser observada em um trecho em ele confia ao seu amigo a sua percepção de amizade fortemente ligada ao seu desejo sentir o corpo de qualquer um por quem sentisse afeto:

Em certos momentos chego a ter nojo de mim. Escute. Isto é horrível! Em face de todas as pessoas que eu sei que deveria estimar — em face de todas as pessoas por quem adivinho ternuras — assalta-me sempre um desejo violento de as morder na boca! Quantas vezes não retraí uma ânsia de beijar os lábios de minha mãe...(SÁ-CARNEIRO, 1991, p. 23).

Dessa forma, podemos perceber que o suicídio de Ricardo, assim como o de Sá-Carneiro, se associa ao ato suicida egoísta, já que, assim como o personagem classificado como autobiográfico, o escritor do modernismo português traz em seus escritos desabafos sobre seus sentimentos de exclusão e ausência de propósito para sua vida, acarretando pensamentos que consideram o fim da vida como a única alternativa de escapar da exclusão e do estigma vivido.

Ricardo, no seu rompimento com o coletivo, que pode ser refletido em suas relações com outros personagens, em especial Marta e Lúcio, se torna o personagem mais emblemático da obra na medida em que sua crise existencial começa, se estende por toda obra, e não é solucionada, prova disso é ato do homem de tirar sua própria vida. O desmanche de tais laços sociais, considerando que o personagem não conseguia explicar a causa de suas angústias nem mesmo para sua esposa e o seu melhor amigo, reflete o também suicídio egoísta, apresentado por Durkheim como a escassez de pertencimento,

podendo levar uma pessoa a tirar sua própria vida como ímpar possibilidade de saída de problemas.

Lúcio, desorientado por dúvidas e incertezas ao tentar distinguir o real e o imaginário, também apresenta características de alienação, como exemplifica sua narrativa em forma de um depoimento para os leitores, trazendo consigo um aspecto de dúvida e dispersão na construção de seu discurso:

Cumpridos dez anos de prisão por um crime que não pratiquei e do qual, entanto, nunca me defendi, morto para a vida e para os sonhos... nada podendo já esperar e coisa alguma desejando — eu venho fazer enfim a minha confissão: isto é, demonstrar a minha inocência... Mas o que ainda uma vez, sob minha palavra de honra, afirmo é que só digo a verdade. Não importa que me acreditem, mas só digo a verdade — mesmo quando ela é inverossímil. (SÁ-CARNEIRO, 1991, p. 2).

Assim, é possível chegar à interpretação de que ele estaria tentando lidar com a culpa, e desvendar o mistério que permeia os acontecimentos, porém mostra o aperto interacional e moral ambientado em torno de si. Assim, ambos os escritores (personagens da obra), são considerados como vítimas de uma submersa indiferença com a sociedade, acarretando, assim, o suicídio de um e a decadência psicológica do outro.

A definição de suicídio anômico, na visão de Durkheim, ocorre quando “as regras sociais que regulam a vida das pessoas se tornam incertas ou entram em colapso, deixando os indivíduos sem direção” (DURKHEIM, 1897, p. 156). Assim, situando-se em crise social ou mudanças bruscas, e criando um ambiente de desorientação e moral rompida, normas tradicionais se tornam inválidas. No caso de Ricardo e Lúcio, é notável que ambos viviam em sua sociedade patriarcal (a criação da personagem Marta é prova disso), portanto, quando Lúcio percebe que não era o único amante de Marta, conta ao amigo Ricardo não somente da traição de Marta que envolvia outros amigos, mas também o caso que ele próprio tinha com a mulher, a reação de Ricardo é dizer que ele permitia que sua mulher mantivesse relações com outros homens, e até mesmo as incentivava. Assim, tanto Lúcio quanto Ricardo se percebem moralmente deslocados da sociedade pela ruptura do casamento monogâmico de Ricardo e Marta, acarretando assim uma calorosa discussão entre ambos, que resulta o suicídio de Ricardo. Dito isso, percebe-se que a carência de precisas diretrizes morais pode provocar nas pessoas uma sensação de desespero, como é observável no enredo da novela portuguesa, resultando, assim, no aumento da possibilidade do ato suicida.

Dessa forma, a tríade de protagonistas está inserida em um contexto de crise existencial, em que a moral e norma comum não se mostram mais importantes. Particularmente, Ricardo se encontra em submerso estado de anomia, incapaz de perceber propósito em sua existência. Portanto, seu suicídio pode ser tido como um acarretamento causado pela ruptura dos pilares e costumes que norteavam sua percepção de vida. Lúcio também apresenta indícios de desorientação, já que não sabe discernir o que é ilusão do que é realidade, integrando assim a áurea de anomia presente no ambiente da novela modernista.

Outros fenômenos da sociedade, como o rompimento de relações familiares (relacionada anteriormente ao rompimento do casamento monogâmico do casal Ricardo e Marta), a crise econômica e a queda de alguns pilares que sustentam a moral coletiva, segundo Durkheim, se relacionam diretamente com ato suicida. Em seu ver “as variações nas taxas de suicídio estão ligadas às mudanças nas estruturas sociais, especialmente quando estas afetam os laços entre o indivíduo e a sociedade” (DURKHEIM, 1897, p. 184), dessa forma, podemos acreditar que em uma sociedade onde a moral comum e normas e papéis de gênero não sejam consideradas primordiais e irremediáveis, ou até mesmo que tais estruturas tradicionais não sejam impostas às pessoas como ideais de vida, as taxas de suicídio deveriam diminuir consideravelmente, pois o sentimento de ruptura com fundamentalismos criados não seria presente como é, tornando a vida social e íntima da pessoas mais livre e aberta a possibilidades de se relacionar, tanto em romances quanto em outras relações. O enredo é ambientado no início do século XX, momento de crise moral e cultural em Portugal, no qual novas maneiras de se identificar e relacionar estavam sendo buscadas.

Na compreensão da teoria Durkheimiana, percebemos o caráter social em que o suicídio é tido, rompendo o senso comum de que esse ato seria meramente pessoal, psicológico, ou intensamente espiritual. Interpretado à ótica das categorias Durkheimianas, o suicídio de Ricardo suscita as tensões individuais internalizadas nos indivíduos por aspectos sociais, a ruptura com o coletivo e a carência de normas que sustentam a moral comum, como fatores primordiais na compreensão do fim da narrativa. Interpretação sociológica promovida por Durkheim, ao destacar a complexidade das interações desencadeadas na trama, expande a compreensão do suicídio e *A confissão de Lúcio*.

Considerações Finais

Tendo em vista a necessidade de análise autobiográfica da obra, a busca pela compreensão da similaridade entre o personagem Ricardo e Mário de Sá-Carneiro se torna de primordial importância, pois se refere à construção do personagem como uma possível extensão do próprio autor, no intuito de depositar em sua criação a possibilidade de vivenciar e dizer aquilo que não tinha condição de expor na realidade. Por meio dos estudos, pudemos constatar que o próprio eu-lírico da poesia do escritor do modernismo português traz aspectos composicionais muito semelhantes às confidências que o personagem Ricardo Loureiro faz ao seu amigo Lúcio. Tal criação literária pode ser considerada como um resultado da homofobia internalizada, já que a personagem Marta é a única possibilidade pela qual os amigos Ricardo e Lúcio conseguem se relacionar.

Constatamos também o risco de, em um contexto de sociedade extremamente tecnológica, sendo as maiores influências aquelas que se fazem presente em redes sociais e plataformas digitais, cria-se um novo estereótipo do que seria de fato a identidade gay, pois, na medida em que as únicas personalidades gays que se tornam populares estão enquadradas dentro de um padrão de estética e comportamento, cria-se um imaginário comum dentro da comunidade que delimita o comportamento ideal. Essa criação de uma personalidade padronizada se contraria à ideia foucaultiana do que seria mais viável na construção de identidade homossexual, já que ele aponta ser fundamental buscar tornar-se homossexual, e não ser em estabilidade.

Os estudos realizados acerca do suicídio com suporte da teoria durkheimiana nos permitiram concluir que o ato suicida não é estritamente patológico e individual, mas sim uma consequência que tem suas causas intrinsecamente ligadas aos fenômenos sociais, pois, na visão dele, o suicídio acontece quando uma pessoa se sente apartada da sociedade. Esse distanciamento, para Durkheim, se liga à moral social da sociedade na qual a pessoa se encontra, pois uma das causas do suicídio pode ser o brusco rompimento as normas reguladoras estabelecidas socialmente, como casos onde um casamento monogâmico é desfeito por uma traição.

Dessa forma, pudemos concluir, de acordo com o estudo da obra de Sá-Carneiro, articulado às teorias de Durkheim e Foucault, que os problemas psicológicos que afetam

a vida das pessoas (como a homofobia e implicações que causam o suicídio) não são de origem natural ou espiritual, como o conservadorismo popular aponta, mas sim de origem social que se internalizam nas pessoas pelas normas e papéis de gênero impostas desde a infância, e, assim, cria-se um senso comum, inaplicável à realidade, do que seria normal e anormal. Ressaltamos, enfim, que o rompimento de paradigmas impostos é extremamente necessário para que a liberdade de ser possa ser alcançada.

Referências

- ANTUNES, Pedro Paulo Sammarco. Homofobia internalizada: o preconceito do homossexual contra si mesmo. 2016. 433 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.
- FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: A vontade de saber. Trad Maria Thereza da Costa. Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Graal, 1999.
- FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1996.
- LOPES, OSCAR. Entre Fialho e Nemésio: estudos de literatura portuguesa contemporânea. Lisboa: Impr. Nacional-Casa da Moeda, 1987.
- SARAIVA, António José; LOPES, Óscar. História da Literatura Portuguesa. 17. ed. Corrigida e atualizada. Porto: Porto Editora, 1996.
- SÁ-CARNEIRO, Mário. A confissão de Lúcio. Rio de Janeiro: Ediouro, 1991.
- ROCHA, Clara. O essencial sobre Mário de Sá-Carneiro. INCM, 2022.
- MADLENER, Francis. FERNADES DINIS, Nilson. A Homossexualidade e a perspectiva Foucaultiana. Revista do Departamento de Psicologia - UFF.
- BRITZMAN, D. O que é esta coisa chamada amor – identidade homossexual, educação e currículo. *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre, v 21, n. 1, p 71-96, jan./jun. 1996.
- FOUCAULT, M. Da amizade como modo de vida. De l'amitié comme mode de vie. Entrevista de Michel Foucault a R. de Ceccaty, J. Danet e J. le Bitoux. Tradução: Wanderson Flor do Nascimento. Gai Pied, [S.l.], n. 25, p. 38-39, abr. 1981. Disponível em: <<http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/amitie.html>>. Acesso em: 22 abr. 2005.
- LOURO, G.L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- ORTEGA, F. *Amizade e estética da existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- DURKHEIM, É. O suicídio: estudo de sociologia. Trad. Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.